

Arthur Conan Doyle

O DIA EM QUE
SHERLOCK HOLMES
MORREU

“O problema final” e outras histórias

ILUSTRAÇÕES DE João Pirolla

SELEÇÃO E TRADUÇÃO DE Daniel Knight

TORDESILHAS

Copyright da tradução e das ilustrações © 2014 Tordesilhas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

EDIÇÃO USADA PARA ESTA TRADUÇÃO Arthur Conan Doyle, *Sherlock Holmes: The Complete Illustrated Short Stories*, Londres, Bounty Books, 1985.

PREPARAÇÃO Fátima Couto

REVISÃO Márcia Moura, Cacilda Guerra e Ana Luiza Cândido

CAPA Rodrigo Frazão

IMAGEM DE CAPA João Pirolla

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930.

O dia em que Sherlock Holmes morreu: “O problema final” e outras histórias / Sir Arthur Conan Doyle; tradução Daniel Knight; ilustrações João Pirolla. – São Paulo: Tordesilhas, 2015.

ISBN 978-85-8419-019-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) I. Pirolla, João. II. Título.

14-09189

CDD-823.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa 823.0872

2015

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Rua Hildebrando Thomaz de Carvalho, 60

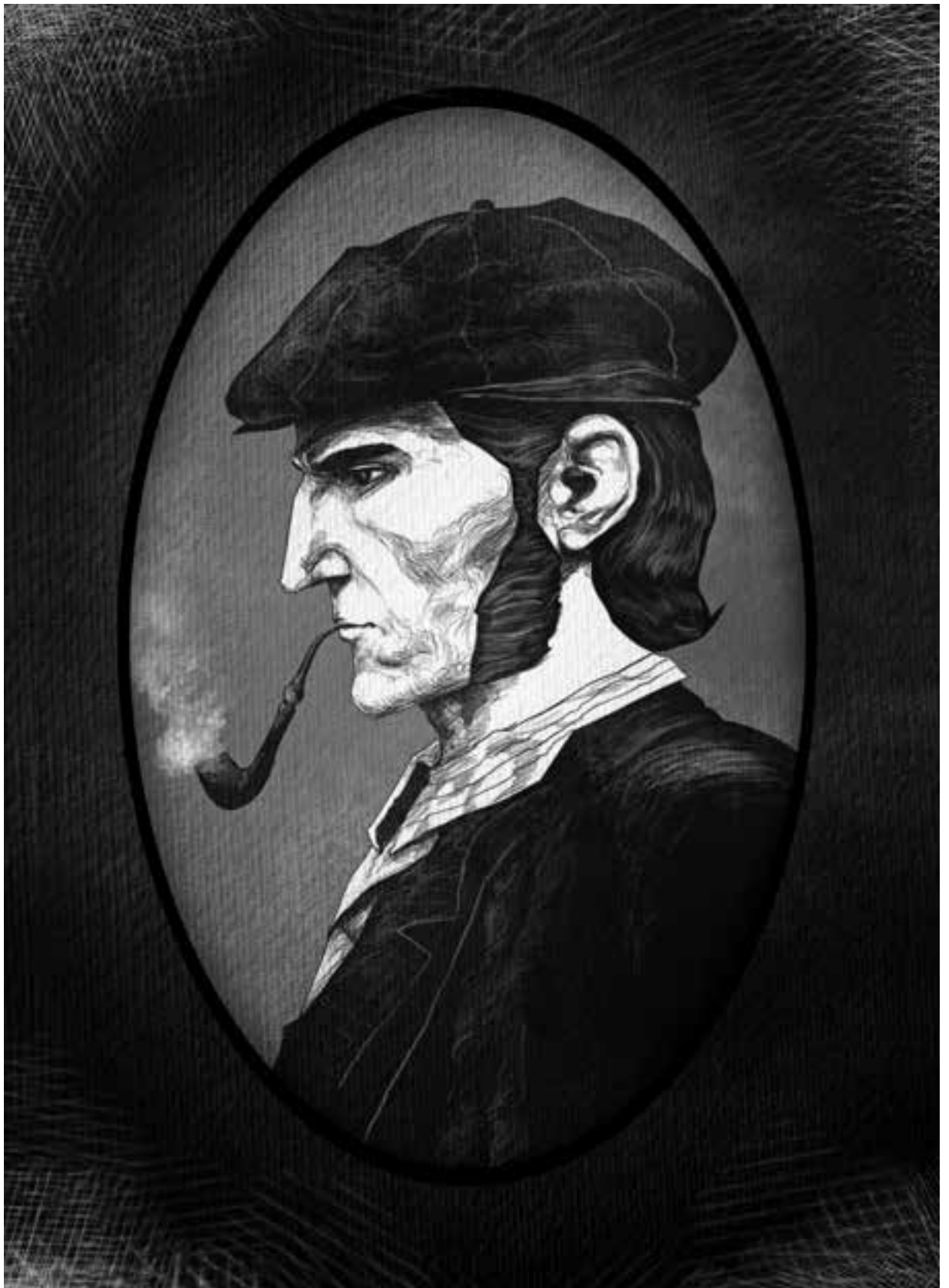
04012-120 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br

SUMÁRIO

Prefácio 7

I	Um escândalo na Boêmia	11
2	A Liga dos Ruivos	37
3	Os cinco carochos de laranja	63
4	O homem da boca torta	83
5	O carbúnculo azul	109
6	O “Gloria Scott”	131
7	O Ritual Musgrave	153
8	O intérprete grego	173
9	O tratado naval	193
10	O problema final	227
11	A casa vazia	249
12	Charles Augustus Milverton	271
13	Os seis Napoleões	291
14	O detetive moribundo	313
15	O soldado embranquecido	331
16	O vampiro de Sussex	353
17	A juba de leão	373
	O cânone de Sherlock Holmes	395



UM ESCÂNDALO NA BOÊMIA

I

Para Sherlock Holmes, ela sempre é *a* mulher. Raras foram as vezes em que ele a chamou por outro nome. Aos olhos dele, ela supera e ofusca todo o sexo feminino. Não que ele sentisse qualquer vislumbre de amor por Irene Adler. Todas as emoções, e aquela em particular, eram repulsivas à sua mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada. Ele era, no meu parecer, a máquina de raciocínio e observação mais perfeita que o mundo já viu; mas, como amante, não teria sido muito apropriado. Ele jamais mencionava as paixões suaves a não ser com sarcasmo e zombaria. Eram um prato cheio para o observador – excelentes para enxergar por baixo da névoa que cobre os motivos e as ações. Mas, para o pensador treinado, admitir tais intervenções em uma personalidade refinada e metódica perturbaria as ideias e traria incertezas. Rachaduras em uma ferramenta delicada ou um risco nas potentes lentes de aumento não seriam para uma natureza como a dele incômodo maior que uma emoção forte. Ainda assim, havia apenas uma mulher para ele, a falecida Irene Adler, cuja memória é dúbia e questionável.

Holmes e eu nos víamos pouco naquele tempo. Meu casamento nos havia afastado um do outro. Minha enorme felicidade e os interesses domésticos que envolvem o homem que começa a formar uma família foram suficientes para absorver toda a minha atenção; por outro lado, Holmes,

que detestava toda e qualquer forma de sociedade do fundo de sua alma boêmia, permaneceu em nossa residência da Baker Street, enterrado entre velhos livros, alternando-se de semana a semana entre cocaína e ambição, o entorpecimento da droga e a energia violenta de sua natureza intensa. Ele continuava, como sempre, profundamente interessado no estudo do crime, e ocupava seu gigantesco dom e sua capacidade extraordinária de observação em seguir pistas e esclarecer mistérios que haviam sido descartados como insolúveis pela polícia oficial. Vez ou outra, eu tinha notícia dos seus feitos: da notificação para Odessa no caso do assassinato Trepoff, da solução para a tragédia dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, por fim, da missão que ele havia cumprido com grande cuidado e sucesso para a família real holandesa. Além desses fatos, que eu apenas compartilhava com os leitores de jornal, eu não sabia quase nada sobre meu antigo amigo e companheiro.

Uma noite – 20 de março de 1888 –, voltando da visita a um paciente (pois eu havia retornado à prática civil), fui levado à Baker Street. Ao passar pela conhecida porta, que na minha cabeça sempre estará associada ao meu namoro e aos incidentes sombrios de *Um estudo em vermelho*, fiquei ansioso e fui tomado pelo desejo de rever Holmes e saber como ele estaria empregando seu talento. Pela janela, notei que a luz do quarto dele estava acesa, e ao olhar para cima pude ver uma silhueta alta e magra passar duas vezes de um lado para outro.

Ele marchava pelo quarto com ansiedade e rapidez, com a cabeça enterrada no peito e as mãos entrelaçadas atrás das costas. Para mim, que conhecia todos os seus hábitos e humores, aquele comportamento falava por si. Ele estava trabalhando. Havia despertado do sonho da droga e seguia o rastro de algum problema novo. Toquei a campainha e fui levado ao gabinete que havia sido em parte meu.

Ele não foi efusivo. Raramente era, mas estava feliz por me ver, acho. Sem dizer quase nenhuma palavra, mas com um olhar solícito, ele acenou para a poltrona, atirou-me uma caixa de charutos e indicou uma *spirit case* e um sifão a um canto. Em seguida, ele se colocou diante da lareira e me olhou de cima a baixo com seu jeito peculiar e introspectivo.

– Wedlock lhe faz bem, Watson – comentou. – Acho que você ganhou três quilos e meio desde a última vez.

– Três – respondi.

– De fato, eu devia ter pensado mais. Julgo que só um pouco mais, Watson. E, como posso ver, está de volta à medicina. Você não havia me dito que tinha intenção de voltar à prática.

– Então, como você sabe?

– Eu vejo, eu deduzo. Como eu sei que você se molhou muito ultimamente, e que você tem uma empregada bastante descuidada?

– Meu caro Holmes – respondi –, isso é espantoso. Tenho certeza de que você teria sido queimado na fogueira se tivesse vivido alguns séculos atrás. É verdade que andei pelo campo quinta-feira e voltei para casa em frangalhos; mas, como troquei de roupa, não consigo imaginar como você percebeu. Quanto à empregada, ela é incorrigível e foi demitida pela minha mulher; mas, de novo, não consigo entender como você descobriu.

Ele deu uma risada abafada de si para si e esfregou as mãos longas e nervosas.

– É muito simples – ele disse. – Meus olhos me dizem que o couro do seu sapato esquerdo tem, bem onde o fogo da lareira está batendo, seis riscos quase paralelos. Sem dúvida, foram feitos por alguém que tentou tirar crostas de lama da sola sem o menor cuidado. Onde, como você pode ver, se originou minha dupla dedução: você saiu com um tempo horrível e tem um espécime particularmente maligno de rasgador de sapatos da criadagem de Londres. Quanto ao seu trabalho, se um cavalheiro entra na minha casa cheirando a iodofórmio, exibindo uma marca preta de nitrato de prata na ponta do indicador direito e uma protuberância no chapéu, que indica onde ele esconde o estetoscópio, eu seria um idiota se não declarasse que ele é um membro ativo da profissão médica.

Era impossível não rir da desenvoltura com que ele explicava os processos de dedução.

– Quando ouço as suas explicações – comentei –, sempre parece tão ridiculamente simples que eu mesmo poderia fazê-las sem dificuldade alguma, embora a cada etapa do raciocínio eu fique perplexo até que você esclareça o processo. E, mesmo assim, acredito que meus olhos sejam tão bons quanto os seus.

– Sem dúvida – respondeu, acendendo um cigarro e jogando-se em uma poltrona. – Você vê, mas não observa. A diferença é clara. Por exemplo, você está acostumado a ver os degraus que ligam o *hall* a este cômodo.

– Estou.

– Quantas vezes você já viu esses degraus?

– Bem, algumas centenas de vezes.

– Então, quantos são?

– Quantos?! Não sei.

– Exatamente. Você não observou. Mas viu. Essa é a questão. Agora, eu sei que há dezessete degraus porque vi e observei. Aliás, já que você se interessa por esses probleminhas, e como você teve a bondade de fazer a crônica de uma ou duas das minhas experiências triviais, talvez você se interesse por isto.

Ele me passou uma folha grossa de papel de carta pintado de rosa que estava o tempo todo em cima da mesa.

– Veio com a correspondência – ele disse. – Leia em voz alta.

O bilhete estava sem data, assinatura e endereço.

“O senhor será visitado hoje, às quinze para as oito da noite, por um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre assunto da maior gravidade. Serviços prestados recentemente a uma das casas reais da Europa mostram que o senhor é daqueles em que se pode confiar quando a importância excede quase todos os exageros. Esta opinião do senhor nós por toda parte recebemos. Esteja então no seu escritório a essa hora e não se aborreça se seu visitante usar máscara.”

– Isso é de fato um mistério – comentei. – O que você imagina que seja?

– Ainda não tenho informações. É um erro capital teorizar antes de ter informações. Sem perceber, o sujeito começa a fazer com que os fatos justifiquem a teoria, em vez de fazer com que a teoria justifique os fatos. O que você consegue deduzir?

Examinei a escrita e o papel com cuidado.

– O homem que escreveu é rico – comentei fazendo o possível para imitar meu companheiro. – Um maço desse papel não custa menos de meia coroa. É estranho, muito espesso e resistente.

– Estranho, eis a palavra – Holmes disse. – Esse papel não é inglês de jeito nenhum. Segure-o contra a luz.

Fiz como ele pediu e vi um *E* maiúsculo com um *g* minúsculo, um *P*, e um *G* maiúsculo com um *t* minúsculo grafados na textura do papel.

– O que você acha? – Holmes perguntou.

– O nome da fábrica, sem dúvida; ou melhor, as iniciais da fábrica.

– Sem dúvida alguma. O *G* maiúsculo com o *t* minúsculo significa *Gesellschaft*, “companhia” em alemão. É uma abreviação comum, como “Cia.”. *P*, é claro, significa *Papier*. Para o *Eg*., vamos dar uma olhada no nosso *Continental Gazetteer*.

Ele tirou um livro marrom pesado da prateleira.

– Eglow, Eglonitz... achamos, Egria. Em um país que fala alemão... na Boêmia, perto de Carlsbad. “Famoso como cenário da morte de Wallenstein e pela grande quantidade de fábricas de vidro e de papel.” Eh, eh, eh, meu rapaz, o que você acha disso?

Os olhos dele brilhavam, e ele soprou uma nuvem azul e triunfante de fumaça do cigarro.

– O papel foi fabricado na Boêmia – eu disse.

– Exatamente. E o homem que escreveu o bilhete é alemão. Você reparou nas construções peculiares das frases? “Esta opinião do senhor nós por toda parte recebemos.” Um francês ou um russo não poderia ter escrito isso. É o alemão que trata os verbos tão mal. Portanto, só nos resta saber qual é o desejo desse alemão que escreve em papel da Boêmia e que prefere usar máscara quando aparece. E aí vem ele, se não me engano, solucionar todas as nossas dúvidas.

Enquanto ele falava, ouvi cascos de cavalo e rodas contra a calçada, e logo em seguida um toque ríspido da campainha. Holmes assobiou.

– Pelo som, é um par – ele disse. – Sim – prosseguiu, espiando pela janela –, uma boa berlinda e um par de belezuras. Cento e cinquenta guinéus por cabeça. No mínimo, há dinheiro nesse caso, Watson.

– Acho que está na minha hora, Holmes.

– De forma alguma, doutor. Não saia daí. Fico perdido sem o meu Boswell. E o caso é promissor. Seria uma pena perdê-lo.

– Mas seu cliente...

– Não se preocupe com ele. Eu posso querer a sua ajuda, e ele também. Aí vem ele. Sente-se na poltrona, doutor, e preste a maior atenção.

Passos lentos e pesados, que ouvimos no topo da escada e no corredor, pararam de frente para a porta. Em seguida, veio uma batida forte e autoritária.

– Entre – Holmes disse.

Entrou um homem que dificilmente teria menos de um metro e noventa e cinco de altura, com o peito e os membros de um Hércules. Estava vestido com tamanha riqueza que, na Inglaterra, esbarrava no limite do mau gosto. Faixas grossas de astracã talhado cobriam as mangas e transpassavam o peito do colete, enquanto o manto azul-escuro que ele trazia sobre os ombros era riscado com seda de cores brilhantes e se prendia ao pescoço por um berilo flamejante que servia de broche. As botas, que se estendiam até metade da panturrilha, adornadas por pele marrom na parte superior, completavam a ideia de opulência bárbara que aquela aparição sugeria. Ele trazia nas mãos um chapéu de abas largas. Usava uma viseira preta que se estendia da testa até um pouco abaixo das maçãs do rosto, e dava a impressão de tê-la colocado naquele momento, pois ainda estava com a mão sobre ela quando entrou. Pela parte inferior do rosto, parecia ser um homem de personalidade forte, com lábios grossos e um queixo grande e liso, indicação de firmeza que beirava a obstinação.

– O senhor recebeu meu bilhete? – ele perguntou em uma voz profunda e ríspida com forte sotaque alemão. – Eu disse que viria.

Ele olhava de um de nós para o outro, indeciso quanto a qual se dirigir.

– Sente-se, por favor – Holmes disse. – Este é meu amigo e colega, o dr. Watson, que de quando em quando faz a bondade de me ajudar. A quem tenho a honra de me dirigir?

– Pode me tratar por conde Von Kramm, fidalgo da Boêmia. Devo entender que esse homem, seu amigo, é honrado e discreto, e que posso confiar nele para um assunto de extrema importância. Caso contrário, devo preferir me comunicar apenas com o senhor.

Eu ia me levantar e sair, mas Holmes me segurou pelo pulso e me empurrou de volta para minha cadeira.

– Fale com ambos ou não vai falar com nenhum – ele disse. – O senhor pode dizer diante deste cavalheiro qualquer coisa que queira dizer a mim.

O conde encolheu os ombros largos.

– Então, vou começar – ele disse –, pedindo que os senhores se comprometam a dois anos de segredo absoluto. Ao fim desse período, a questão deixará de ter qualquer importância. No momento, contudo, não seria exagero dizer que pode influenciar a história da Europa.

– Eu me comprometo – Holmes disse.

– Eu também.

– Perdoem-me pela máscara – nosso estranho visitante prosseguiu. – Meu augusto empregador deseja que seu agente permaneça oculto aos senhores, e devo confessar sem rodeios que o título pelo qual acabo de me identificar não é exatamente meu.

– Eu estava ciente disso – Holmes disse com secura.

– As circunstâncias são extremamente delicadas, e todas as precauções devem ser tomadas para conter o que pode se tornar um escândalo imenso e comprometer uma das famílias reais da Europa. Para ser direto, o problema envolve a grande casa de Ormstein, reis da Boêmia por direito.

– Eu estava ciente disso também – Holmes murmurou, relaxando na poltrona e fechando os olhos.

Nosso visitante olhou com certa surpresa para a figura lânguida e preguiçosa do homem que sem dúvida lhe havia sido descrito como a mente mais eficaz e o agente mais dinâmico da Europa. Holmes abriu os olhos devagar e olhou com impaciência para o cliente gigante.

– Se Vossa Majestade concordasse em expor o caso – comentou –, eu teria melhores condições de ajudá-lo.

O homem saltou da cadeira e marchou pelo quarto numa agitação incontrolável. Em seguida, desesperado, arrancou a máscara do rosto e a atirou ao chão.

– Tem razão – ele gritou –, eu sou o rei. Por que tentar fingir o contrário?

– De fato – Holmes murmurou. – Antes mesmo que Vossa Majestade começasse a falar, eu sabia que estava me dirigindo a Wilhelm Gottsreich Sigismund von Ormstein, grão-duque de Cassel-Falstein e rei da Boêmia.

– Mas o senhor deve entender... – o estranho visitante disse, e sentou-se novamente, passando a mão pela testa comprida e branca. – O senhor deve entender que não estou acostumado a tratar de tais negócios em pessoa. No entanto, o assunto é tão delicado que eu não poderia confiar em um terceiro sem me colocar nas mãos dele. Vim incógnito de Praga até aqui para consultá-lo.

– Então, por favor, consulte-me – Holmes disse e fechou os olhos mais uma vez.

– Farei um resumo dos fatos. Por volta de cinco anos atrás, durante uma demorada visita a Varsóvia, relacionei-me com a famosa aventureira Irene Adler. O senhor sem dúvida deve conhecer esse nome.

– Faça a gentileza de procurá-la no meu arquivo, doutor – Holmes murmurou sem abrir os olhos. Havia vários anos ele tinha adotado um sistema de registrar notícias, de forma que era difícil mencionar alguém ou alguma coisa sem que ele pudesse fornecer informação instantânea. Naquele caso, encontrei a biografia entre a de um rabino e a de um comandante que havia escrito uma monografia sobre peixes do fundo do mar.

– Vejamos – Holmes disse. – Hum! Nascida em Nova Jersey no ano de 1858. Contralto... hum! La Scala, hum! *Prima donna* da ópera imperial de Varsóvia... sim! Abandonou os palcos... ah! Vive em Londres... certo! Vossa Majestade, se não me engano, se enredou com essa jovem, escreveu algumas cartas comprometedoras e agora quer recuperá-las.

– Exatamente. Mas como...

– Houve casamento em segredo?

– Nunca.

– Não há documentos nem certidões?

– Nada.

– Então não compreendo Vossa Majestade. Caso a jovem queira usar as cartas para chantagem ou para qualquer outro propósito, como ela seria capaz de provar a sua autenticidade?

- Pela caligrafia.
 - Puf, puf! Falsificação.
 - Meu papel personalizado.
 - Roubo.
 - Meu lacre pessoal.
 - Imitação.
 - Minha fotografia.
 - Comprada.
 - Nós dois aparecemos juntos na fotografia.
 - Nossa! Isso é muito ruim! Vossa Majestade de fato cometeu uma imprudência.
 - Eu fiquei louco, maluco.
 - O senhor se comprometeu seriamente.
 - Eu era apenas o príncipe herdeiro. Era jovem. Não tenho mais de trinta anos.
 - A foto precisa ser recuperada.
 - Já tentamos, sem sucesso.
 - Vossa Majestade deve pagar. A foto precisa ser comprada.
 - Ela não vende.
 - Então roube.
 - Cinco tentativas já foram feitas. Paguei dois ladrões para revistar a casa dela. Desviamos a bagagem quando ela viajou. Ela já foi assaltada na rua duas vezes. Não funcionou.
 - Nenhum sinal da foto?
 - Nem o menor sinal.
- Holmes riu.
- É um belo probleminha.
 - Mas, para mim, é um problema muito sério – o rei respondeu em tom de desaprovação.
 - Muito sério, sem dúvida. E o que ela pretende fazer com a foto?
 - Destruir a minha vida.
 - Mas como?
 - Eu estou prestes a me casar.
 - Fiquei sabendo.

– Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, segunda filha do rei da Escandinávia. O senhor deve ter ouvido comentários sobre a rigidez da família. Ela mesma é o refinamento em pessoa. Uma sombra de dúvida sobre o meu comportamento poria fim a tudo.

– E Irene Adler?

– Ameaça enviar a fotografia a eles. E é isso que ela vai fazer. Eu sei. O senhor não a conhece, ela tem uma alma de aço. O rosto da mais bela entre as mulheres e a mente do mais decidido entre os homens. Para que eu não me case com outra mulher, não há limites para ela; nenhum.

– O senhor tem certeza de que ela ainda não enviou a fotografia?

– Tenho.

– Como?

– Ela disse que enviaria apenas no dia do anúncio público do noivado, o que acontece na próxima segunda-feira.

– Ah, então ainda temos três dias – Holmes disse com um bocejo.

– É muita sorte, já que tenho um ou dois assuntos importantes para tratar no momento. Vossa Majestade pretende, é claro, permanecer em Londres.

– É claro. Estarei no Langham sob o nome de conde Von Kramm.

– Então lhe enviarei algumas linhas para informá-lo sobre nossos avanços.

– Faça isso, eu lhe imploro. Estarei explodindo de ansiedade.

– Quanto a dinheiro?

– O senhor tem carta branca.

– Completamente?

– Eu lhe daria uma das províncias do meu reino por aquela foto.

– E para os gastos do momento?

O rei tirou uma bolsa pesada de couro de camurça e a deixou em cima da mesa.

– E o endereço de *mademoiselle*?

– Briony Lodge, Serpentine Avenue, St. John's Wood.

Holmes anotou.

– Mais uma pergunta. A fotografia cabe em um porta-retrato?

– Sim.

– Então, uma boa noite a Vossa Majestade, e acredito que logo teremos boas notícias para o senhor. E boa noite, Watson – ele acrescentou enquanto as rodas da berlinda real desciam a rua. – Se você puder fazer a bondade de aparecer amanhã às três horas, eu gostaria de conversar com você sobre essa questão.

2

Às três em ponto eu estava na Baker Street, mas Holmes ainda não havia voltado. A senhoria me informou que ele havia saído de casa logo após as oito da manhã. Sentei-me ao lado da lareira com a intenção de esperá-lo pelo tempo que fosse necessário. Eu já estava envolvido pela investigação, pois embora não apresentasse nenhuma das características bizarras e sinistras associadas aos dois crimes relatados em escritos anteriores, a natureza do caso e a posição elevada do cliente garantiam a peculiaridade. Na verdade, além da natureza do caso que meu amigo tinha em mãos, havia algo em sua compreensão profunda do problema e em seu raciocínio agudo e incisivo que tornava prazeroso estudar seu sistema de trabalho e seguir os métodos sutis e rápidos pelos quais ele desenredava os mistérios mais intrincados. Fiquei tão acostumado a seus sucessos infalíveis que a mera possibilidade de fracasso sequer me passava pela cabeça.

Eram quase quatro horas quando a porta se abriu e um cavaliço aparentemente bêbado, despenteado e usando costeletas, de rosto vermelho e vestimentas reprováveis, entrou na sala. Mesmo acostumado como estava à espetacular habilidade do meu amigo em se disfarçar, precisei olhar três vezes antes de me certificar de que era ele. Com um aceno de cabeça, ele se enfiou dentro do quarto, de onde surgiu cinco minutos depois, vestindo terno de *tweed* e apresentando-se de forma respeitável como nos velhos tempos. Com as mãos nos bolsos, esticou as pernas em frente à lareira e riu com entusiasmo por alguns minutos.

– Ora essa! – ele exclamou, depois engasgou e retomou o riso até ser obrigado a se recostar na cadeira, lânguido e inermes.

– O que foi?

– É engraçado demais. Tenho certeza de que você jamais conseguiria adivinhar como passei a manhã ou o que acabei fazendo.

– Nem imagino. Suponho que você tenha ido observar o aspecto e talvez a casa da srta. Irene Adler.

– Exatamente. Mas o resultado foi um tanto incomum. Em todo caso, vou contar. Saí de casa pouco depois das oito da manhã, caracterizado como cavaliço desempregado. A simpatia e a camaradagem entre o pessoal que lida com cavalos é uma maravilha. Seja um deles, e é possível ficar a par de tudo o que há para saber. Logo encontrei Briony Lodge. É uma casa pequena e bem-acabada, com jardim nos fundos, mas construída de frente para a estrada, com dois andares. Fechadura Chubb na porta. Uma sala de estar grande à direita, bem mobiliada, com janelas amplas que quase alcançam o chão, providas daqueles ferrolhos ingleses absurdos que até uma criança poderia abrir. Lá atrás não havia nada digno de nota, a não ser o fato de a janela do corredor poder ser alcançada do topo da cocheira. Andei em volta dela e examinei-a de perto de todos os pontos de vista, mas não notei mais nada digno de interesse.

“Em seguida, perambulei rua abaixo e descobri, como esperado, uma estrebaria em uma vereda paralela a um dos muros do jardim. Dei uma mão aos cavaliços que estavam escovando os cavalos e em troca recebi duas pratas, um copo de *half-and-half*, duas cachimbadas de tabaco forte e toda a informação que eu podia querer sobre a srta. Adler, sem mencionar a dúzia de outras pessoas da vizinhança em quem eu não tinha o menor interesse, mas cuja biografia fui obrigado a ouvir.”

– E o que você ouviu sobre Irene Adler?

– Oh, ela mexeu com a cabeça daqueles homens. Ela é a coisa mais deliciosa que existe, é o que dizem na Estrebaria Serpentine. Ela vive discretamente, canta em concertos, sai às cinco todo dia e volta às sete em ponto para o jantar. Quase não muda os horários, apenas quando canta. Tem um único visitante do gênero masculino, mas com muita frequência. Ele é moreno, elegante e bem-vestido; costuma aparecer pelo menos uma vez por dia, normalmente duas. Trata-se do sr. Godfrey Norton, do Inner Temple. Veja as vantagens de ser confidente de um cocheiro. Eles haviam levado o homem da Estrebaria Serpentine para casa um sem-número de

vezes e sabiam tudo sobre ele. Ouvi o que tinham para dizer e voltei a andar para cima e para baixo perto de Briony Lodge, ponderando minha estratégia.

“É claro que esse Godfrey Norton é um ponto importante do problema. Ele é advogado. Isso não é de bom agouro. Qual é a relação entre os dois, e qual é a razão de tantas visitas? Ela é cliente, amiga ou amante dele? Na primeira hipótese, é provável que ela tenha transferido a posse da fotografia para ele. Na última, é menos provável. A resposta para essas perguntas dependia de uma escolha minha: continuar meu trabalho em Briony Lodge ou dedicar minha atenção aos aposentos do cavalheiro no Temple. Era uma escolha delicada, que havia ampliado o campo da minha investigação. Temo que você esteja entediado com tantos detalhes, mas, caso esteja disposto a entender a situação, é preciso que tome conhecimento dessas pequenas dificuldades.”

– Estou ouvindo cada palavra – respondi.

– Eu ainda estava pensando as possibilidades quando um cabriolé se dirigiu até Briony Lodge, e um cavalheiro saltou. O homem tinha uma elegância extraordinária, sua postura lembrava a de uma águia, e ele usava bigode. Sem dúvida, o homem sobre quem haviam me falado. Ele parecia estar cheio de pressa, gritou para o cocheiro esperar e passou pela criada, que abriu a porta como se estivesse em sua própria casa.

“Ele estava na casa havia mais ou menos meia hora, e eu podia vê-lo de relance pelas janelas da sala de estar, andando, falando com entusiasmo e gesticulando. Dela, nem sinal. Dentro em pouco ele saiu, e parecia ainda mais agitado do que antes. Antes de entrar no coche, tirou um relógio de ouro do bolso e o olhou com seriedade. ‘Dirija feito um louco’, ele gritou, ‘primeiro para Gross e Hankey’s, na Regent Street, depois para a Igreja de Santa Mônica, na Edgware Road. Meio guinéu se fizer isso em vinte minutos!’

“Lá se foram eles, e eu estava pensando se não faria bem em segui-los, quando um pequeno landau apareceu no topo da vereda. O cocheiro tinha metade do casaco desabotoada e a gravata embaixo das orelhas, enquanto todos os fechos do arreio estavam escapando da fivela. Ele mal tinha estacionado quando ela atravessou a porta correndo e subiu no veí-

culo. Tive apenas um vislumbre dela, mas era uma mulher adorável; um homem morreria por aquele rosto.

“ ‘John, para a Igreja de Santa Mônica’, ela gritou, ‘e meio soberano se você conseguir chegar em vinte minutos.’

“Era bom demais para deixar passar, Watson. Eu estava calculando se seria melhor correr atrás do landau ou me empoleirar nele, quando um coche veio pela rua. O motorista olhou duas vezes para um passageiro tão esfarrapado como eu, mas entrei antes de qualquer objeção. ‘Para a Igreja de Santa Mônica’, eu disse, ‘e meio soberano se chegarmos em vinte minutos.’ Faltavam vinte minutos para o meio-dia, e o que pairava no ar era evidente.

“Meu cocheiro foi rápido. Não me lembro de já ter viajado tão rápido, mas os outros chegaram primeiro. O coche, o landau e os cavalos esbaforidos estavam em frente à porta quando cheguei. Paguei o sujeito e corri para a igreja. Não havia viva alma lá dentro, a não ser pelos dois que eu havia seguido e por um clérigo de sobrepeliz, que parecia estar discutindo com eles. Os três estavam agrupados diante do altar. Perambulei pela nave lateral como qualquer desocupado que visitasse uma igreja. De repente, para meu espanto, os três que estavam no altar se voltaram para mim, e Godfrey Norton veio correndo com todo o vigor na minha direção. ‘Graças a Deus!’, ele gritou. ‘Você serve. Venha! Venha!’

“ ‘O que é isso?’, perguntei.

“ ‘Venha, rapaz, venha, são só três minutos para que isso possa ser legal.’

“Fui meio arrastado para o altar, e antes que eu descobrisse onde estava, encontrei-me balbuciando respostas que haviam sido murmuradas no meu ouvido, garantindo coisas sobre as quais eu não fazia a menor ideia e colaborando para a união estável de Irene Adler, solteira, e Godfrey Norton, solteiro. Tudo isso não levou mais de um instante, e logo havia um cavalheiro agradecendo-me de um lado e uma dama do outro, enquanto o clérigo abria um sorriso à minha frente. Foi a circunstância mais sem nexo de toda a minha vida, e foi a lembrança disso que me fez rir de repente minutos atrás. Parece que, por causa de alguma formalidade, o clérigo se recusava terminantemente a casá-los sem uma testemunha qualquer, e que minha aparição foi uma sorte que poupou o

noivo de excursionar pelas ruas em busca de um padrinho. A noiva me deu um soberano, e pretendo empenhá-lo em uma corrente de relógio, em memória da ocasião.”

– Foi uma virada surpreendente – eu disse. – O que houve em seguida?

– Bem, percebi que meus planos estavam seriamente ameaçados. A princípio, o casal parecia querer partir imediatamente, o que exigiria medidas instantâneas e enérgicas de minha parte. Diante da igreja, no entanto, eles se separaram; ele voltou para o Temple e ela foi para casa. “Devo passear no parque às cinco, como de costume”, ela disse antes de sair. Não ouvi mais nada. Eles se dirigiram cada um para um lado, e eu vim tomar minhas providências.

– Que são?

– Um bife frio e um copo de cerveja – respondeu ele, e tocou a sineta. – Estive ocupado demais para pensar em comida, e provavelmente vou ficar ainda mais ocupado hoje à noite. A propósito, doutor, devo precisar da sua colaboração.

– Será um prazer.

– Você não se importa em infringir a lei?

– De forma alguma.

– Nem de correr o risco de ir para a cadeia?

– Não se for por uma boa causa.

– Oh, a causa é excelente!

– Então conte comigo.

– Eu tinha certeza de que poderia confiar em você.

– Mas o que você quer que eu faça?

– Antes que a sra. Turner tire a mesa, você terá suas respostas. Agora – ele disse, faminto, voltando-se para a refeição simples que nossa senhoria havia preparado –, vou falar enquanto como, pois não tenho muito tempo. São quase cinco horas. Daqui a duas horas, devemos estar no campo de batalha. A senhorita, ou melhor, a sra. Irene volta do passeio às sete. Devemos estar em Briony Lodge para encontrá-la.

– E então?

– Deixe comigo. Já planejei tudo. Há um único ponto no qual devo insistir. Você não deve interferir, não importa o que aconteça. Entendeu?

– Não devo reagir?

– Não deve fazer absolutamente nada. É provável que haja alguns incômodos. Não interfira. Eu vou acabar sendo levado para dentro da casa. Quatro ou cinco minutos depois, a janela da sala será aberta. Você deve se posicionar perto da janela aberta.

– Sim.

– Você deve me observar, pois vou estar em um ponto em que poderá me ver.

– Sim.

– E quando eu erguer a mão... e só então... você deve jogar na sala o que eu lhe der para jogar, e deve, ao mesmo tempo, gritar “fogo”. Está acompanhando bem a minha exposição?

– Perfeitamente.

– Não é nada formidável – ele disse, e tirou do bolso um cilindro que parecia um charuto. – É um foguete de fumaça comum, com uma cápsula embutida em cada extremidade para que acenda sozinha. Sua tarefa se resume a isso. Quando você gritar “fogo”, outras pessoas vão fazer a mesma coisa. Nesse momento você deve andar até o fim da rua, e eu aparecerei dez minutos depois. Espero que tenha sido claro.

– Não devo reagir, devo me aproximar da janela, ficar de olho em você e, ao seu sinal, jogar esse objeto, gritar “fogo”, e depois esperar na esquina.

– Exato.

– Então pode confiar em mim.

– Excelente. Acredito que seja quase o momento que planejei para o novo *rôle** que preciso interpretar.

Ele se enfiou dentro do quarto e voltou poucos momentos depois no personagem de um clérigo não conformista amável e simplório. O chapelão preto, as calças largas, a gravata branca, o sorriso carismático e o ar de curiosidade bondosa poderiam ser igualados apenas pelo sr. John Hare. Holmes ia além da mera mudança de figurino. A forma de se expressar, a conduta, sua própria alma parecia mudar a cada novo papel

* Papel. Em francês no original. (N. da E.)

que ele assumia. O palco perdeu um grande ator, assim como a ciência perdeu um pensador agudo, quando ele se especializou em crimes.

Faltavam quinze minutos para as seis horas quando deixamos a Baker Street, e chegamos à Serpentine Avenue dez minutos antes do horário. O sol já estava se pondo e os candeeiros começavam a se acender enquanto caminhávamos diante de Briony Lodge, esperando a moradora. A casa era como a descrição sucinta de Sherlock Holmes me havia feito imaginar, mas a região me pareceu menos reservada do que eu esperava. Pelo contrário, para uma rua pequena em um bairro pacato, a movimentação era notável. Havia um grupo de homens de roupas surradas que ria e fumava na esquina, um afiador de tesouras com sua roda, dois guardas flertando com uma babá e vários jovens bem-vestidos que perambulavam com um cigarro na boca.

– Entenda – Holmes comentou enquanto andávamos de um lado para outro em frente à casa –, o casamento deixa tudo mais simples. A fotografia se tornou uma faca de dois gumes. É plausível que o sr. Godfrey Norton deva chegar tão perto dela quanto a princesa do nosso cliente. A pergunta é: onde está essa foto?

– Boa pergunta.

– É improvável que ela a carregue consigo. É uma foto própria para porta-retrato. Grande demais para ser escondida em um vestido de mulher. Ela sabe que o rei é capaz de armar uma emboscada e de mandar revistá-la. Duas tentativas do gênero já foram feitas. Devemos acreditar, portanto, que ela não a carrega consigo.

– Onde, então?

– Deve estar com o banqueiro ou com o advogado. Ambas as possibilidades existem. Mas estou propenso a não acreditar em nenhuma delas. As mulheres são misteriosas por natureza e gostam de se encarregar dos próprios mistérios. Por que ela a entregaria a alguém? Ela pode confiar na própria tutela, mas não sabe a que influência indireta ou política um homem de negócios pode se sujeitar. Além disso, tenha em mente que ela pretende usar a fotografia daqui a poucos dias. Deve estar em algum lugar ao alcance da mão. Deve estar dentro de casa.

– Mas a casa dela já foi revistada duas vezes.

– Ora! Não souberam procurar.

– E como você vai procurar?

– Não vou procurar.

– Então?

– Vou fazer com que ela me mostre.

– Ela vai se recusar.

– Ela não vai conseguir. Mas estou ouvindo barulho de rodas. É a carruagem dela. Siga minhas instruções ao pé da letra.

Enquanto ele falava, a luz dos faroletes de uma carruagem surgiu na curva da avenida. Era um pequeno landau elegante, que parou ruidosamente na porta de Briony Lodge. Quando o veículo estacionou, um dos malandros que estavam na esquina se precipitou para abrir a porta na esperança de ser recompensado com uma moeda, mas foi empurrado por outro que tinha a mesma intenção. Teve início uma disputa violenta, que foi ampliada pelos dois guardas do lado de um dos malandros e pelo afiador de tesouras do lado do outro, com o mesmo ímpeto. Alguém levou um soco, e no instante seguinte a dama, que havia saído da carruagem, tornou-se o centro de um aglomerado de homens ruborizados em meio a uma briga selvagem de punhos e bastões. Holmes se infiltrou na multidão para proteger a dama; mas, ao se aproximar dela, soltou um grito e caiu no chão, com sangue escorrendo pelo rosto. Quando ele caiu, os guardas correram para um lado e os vagabundos para outro, enquanto várias pessoas que assistiam de longe ao tumulto e que estavam vestidas com mais bom gosto se agruparam para ajudar a dama e para cuidar do homem ferido. Irene Adler, como vou continuar a chamá-la, havia corrido para casa; mas permaneceu no topo da escada, com suas esplêndidas formas delineadas contra a luz do *hall*, olhando para a rua.

– O pobre cavalheiro está muito machucado? – ela perguntou.

– Ele morreu – várias vozes gritaram.

– Não, não, ele ainda está vivo – outra voz se elevou. – Mas vai morrer antes de chegar a um hospital.

– É um camarada valente – uma mulher disse. – Eles teriam levado a bolsa e o relógio da senhora se não fosse por ele. Era uma gangue, e uma gangue perigosa. Ah, ele está respirando de novo.



– Ele não pode ficar deitado na rua. Podemos levá-lo para dentro, minha senhora?

– É claro. Tragam-no para a sala de estar. O sofá é confortável. Por aqui, por favor!

Ele foi carregado com calma e solenidade para dentro de Briony Lodge e acomodado na sala de estar, enquanto eu continuava a acompanhar a ação pelo meu posto na janela. Haviam acendido os candeeiros, mas não abaixaram as persianas, de forma que eu podia ver Holmes deitado no sofá. Não sei se ele foi tomado de remorsos naquele momento por causa do papel que estava interpretando, mas sei que nunca senti tanta vergonha de mim mesmo nesta vida como quando vi a bela criatura contra quem eu conspirava e a graça e a gentileza com que ela cuidava do homem ferido. No entanto, abandonar a função que me havia sido confiada seria uma traição horrível a Holmes. Endureci o coração e tirei a bomba de fumaça do sobretudo. Afinal, pensei, não estamos fazendo mal a ela. Estamos impedindo que ela faça mal a alguém.

Holmes havia se sentado no sofá; vi que ele se movia como se precisasse de ar. Uma criada correu e escancarou a janela. Ao mesmo tempo, vi que ele erguia a mão, e, a esse sinal, lancei a bomba para dentro da sala e gritei “fogo”. A palavra sequer havia acabado de sair da minha boca quando toda a multidão de espectadores, vestidos com mais ou menos bom gosto – cavalheiros, estribeiros e criadas –, se uniu num único grito de “fogo”. Densas nuvens de fumaça ondulavam pela sala e através da janela aberta. Pude distinguir vultos precipitados, e, no momento seguinte, a voz de Holmes vinda de dentro, garantindo que não passava de um alarme falso. Cheguei à esquina após me esgueirar pela multidão barulhenta, e dez minutos depois fiquei exultante ao sentir o braço do meu amigo tocar o meu e poder sair daquele alvoroço. Ele andou rápido e em silêncio por alguns minutos, até dobrarmos em uma rua tranquila que leva a Edgware Road.

– Você se saiu muito bem, doutor – ele comentou. – Não poderia ter sido melhor. Deu certo.

– Você pegou a foto?

– Sei onde está.

– E como você descobriu?

– Ela me mostrou, como eu disse que faria.

– Ainda não entendo.

– Não quero fazer nenhum mistério – ele disse, rindo. – É simples. Você viu, é claro, que todo mundo que estava na rua era cúmplice. Foram todos contratados.

– Imaginei.

– Então, quando a confusão começou, eu tinha um pouco de tinta fresca na palma da mão. Quando caí, bati com a mão no rosto e fiquei naquela situação lastimável. É um truque antigo.

– Isso eu também percebi.

– Depois eles me levaram para dentro. Ela foi obrigada a aceitar. O que mais ela poderia ter feito? E na sala de estar, o cômodo do qual eu suspeitava. Estava lá ou no quarto dela, e eu me dispus a descobrir onde. Fui colocado em um sofá, gesticulei que precisava de ar, isso fez com que abrissem a janela, e você teve a oportunidade.

– Como isso foi útil?

– Foi de suma importância. Quando uma mulher acha que a casa está pegando fogo, seu primeiro instinto é correr para a coisa que mais valoriza. É um impulso totalmente irresistível, e já me aproveitei dele mais de uma vez. No caso do escândalo da substituição de Darlington foi muito valioso, assim como na questão do Castelo de Arnsworth. A mulher casada protege o filho, a solteira agarra a caixa de joias. Era claro para mim que nossa dama de hoje não tem nada em casa que ela valorize mais do que aquilo que estamos buscando. Ela correria para resgatar o que nós queremos. O alarme de fogo foi incrível. A fumaça e os gritos foram da espécie que abala nervos de aço. A reação dela foi fantástica. A fotografia está em um espaço atrás de um compartimento logo acima do cordão da campanha do lado direito. Ela chegou até lá em um instante, e eu cheguei a ver um pedaço da foto, conforme ela começava a tirá-la dali. Quando gritei que era alarme falso, ela a colocou no mesmo lugar, olhou para a bomba e saiu correndo da sala, e foi a última vez que a vi desde então. Eu me levantei, pedi desculpas e saí da casa. Hesitei quanto a pegar a fotografia de uma vez, mas o cocheiro apareceu e me olhou torto, e achei que seria mais seguro esperar. Qualquer precipitação pode colocar tudo a perder.

– E agora? – perguntei.

– Nossa busca está praticamente terminada. Devo voltar aqui com o rei amanhã, e com você também, caso deseje nos acompanhar. Seremos introduzidos à sala de estar para esperar a senhora, mas é possível que ao chegar ela não encontre nem a nós nem à fotografia. Será uma satisfação para Sua Majestade retomá-la com as próprias mãos.

– E quando vocês virão?

– Às oito da manhã. Ela não deve estar acordada, o que deixa o campo livre. Além disso, devemos ser ágeis, pois esse casamento deve significar uma mudança total de vida e de costumes para ela. Preciso telegrafar para o rei sem demora.

Chegamos à Baker Street e paramos diante da porta. Ele estava procurando a chave no bolso quando alguém de passagem disse:

– Boa noite, sr. Sherlock Holmes.

Havia várias pessoas na calçada naquele momento, mas a saudação pareceu vir de um jovem magro de sobretudo que saiu correndo.

– Já ouvi essa voz – Holmes disse, encarando a rua mal iluminada. – Mas, com os diabos, pergunto-me quem pode ter sido.

3

Dormi aquela noite na Baker Street, e estávamos ocupados com torradas e café quando o rei da Boêmia entrou correndo no cômodo.

– Você conseguiu! – ele gritou enquanto agarrava Sherlock Holmes pelos ombros e o encarava com ansiedade.

– Ainda não.

– Mas tem esperança?

– Tenho esperança.

– Então, vamos. Não me aguento de impaciência.

– Precisamos de um coche.

– Não, minha berlinda está esperando.

– Isso simplifica as coisas.

Descemos e partimos uma vez mais para Briony Lodge.

– Irene Adler está casada – Holmes comentou.

– Casada! Quando?

– Ontem.

– Com quem?

– Com um advogado inglês de nome Norton.

– Mas é impossível que ela o ame.

– Espero que ame.

– Por quê?

– Porque isso pouparia Vossa Majestade do medo de incômodos futuros. Se ela ama o marido, não ama Vossa Majestade. Se ela não ama Vossa Majestade, não tem razão para atrapalhar os planos de Vossa Majestade.

– É verdade! Ainda assim...! Bem! Eu gostaria que ela pertencesse à minha classe. Que rainha ela não teria sido!

Ele caiu em um silêncio melancólico até apear-mos na Serpentine Avenue.

A porta de Briony Lodge estava aberta, e uma mulher idosa esperava no topo da escada. Ela nos olhava com sarcasmo enquanto saíamos da berlinda.

– Sr. Sherlock Holmes, suponho – ela disse.

– Eu sou o sr. Holmes – meu companheiro respondeu com olhos inquisidores e espantados.

– Sim! Minha patroa disse que era provável que o senhor viesse. Ela partiu com o marido hoje cedo, no trem das cinco e quinze, de Charing Cross para o continente.

– O quê?! – Sherlock Holmes cambaleou para trás, branco de desgosto e surpresa. – Quer dizer que ela saiu da Inglaterra?

– Para nunca mais voltar.

– E os papéis? – o rei perguntou, rouco. – Tudo está perdido.

– Vamos ver.

Ele empurrou a criada de lado e correu para a sala de estar, seguido pelo rei e por mim. Os móveis estavam espalhados para todos os lados, as prateleiras desmontadas e as gavetas abertas, como se a mulher as houvesse saqueado antes de fugir. Holmes correu até o cordão da campainha, abriu uma pequena portada e mergulhou a mão nela, de onde tirou uma fotografia e uma carta. A fotografia era da própria Irene Adler em traje de gala,



e a carta estava endereçada ao “Sr. Sherlock Holmes, Esq., a ser entregue em mãos”. Meu amigo abriu o envelope, e nós três lemos a carta juntos. Estava datada de meia-noite do dia anterior, e dizia o seguinte:

“Meu caro sr. Sherlock Holmes

O senhor se saiu muito bem. Fui totalmente enganada. Até depois do alarme de fogo, eu não desconfiava de nada. Mas então, quando percebi como eu havia me entregado, comecei a pensar. Eu havia sido advertida contra o senhor meses atrás. Soube que, se o rei contratasse um agente, sem dúvida seria o senhor. E fui informada do seu endereço. Ainda assim, o senhor me fez revelar o que queria saber. Mesmo depois que comecei a desconfiar, foi difícil pensar mal de um velho clérigo tão doce. Mas, como o senhor sabe, tenho formação de atriz. O figurino masculino não me é estranho. Costumo tirar vantagem da liberdade que ele proporciona. Mandei John, o cocheiro, vigiá-lo; corri, coloquei meu traje de passeio, como costumo dizer, e desci assim que o senhor saiu.

Bem, segui o senhor até a sua porta, e tive certeza de que eu de fato era objeto de interesse do célebre Sherlock Holmes. Em seguida, de forma um tanto quanto imprudente, desejei boa-noite ao senhor e parti para o Temple para encontrar meu marido.

Ambos julgamos que o melhor expediente é a fuga, já que somos perseguidos por um antagonista tão incrível; então o ninho estará vazio quando o senhor chegar amanhã. Quanto à fotografia, seu cliente pode descansar em paz. Amo e sou amada por um homem melhor que ele. O rei pode seguir com seus planos sem obstáculos por parte de uma pessoa cruelmente injustiçada por ele. Vou guardá-la apenas por proteção, e para conservar uma arma contra qualquer medida que possa ser tomada no futuro. Deixo uma fotografia pela qual ele pode ter algum interesse; e sigo, meu caro sr. Sherlock Holmes, sinceramente sua,

Irene Norton, *née* Adler”.

– Que mulher, ah, que mulher! – o rei da Boêmia gritou quando nós três acabamos de ler a epístola. – Não disse que ela é rápida e decidida? Não teria sido uma ótima rainha? Não é uma pena que ela não seja do meu nível?

– Pelo que percebi da moça, ela parece, de fato, estar em um nível muito diferente do de Vossa Majestade – Holmes disse com frieza. – Lamento que não tenhamos podido liquidar o problema de Vossa Majestade de forma mais apropriada.

– Pelo contrário, meu caro senhor – o rei gritou. – Nada poderia ser mais apropriado. Sei que a palavra dela é inquebrável. A fotografia está tão segura quanto se estivesse em chamas.

– Fico satisfeito em ouvir isso.

– Tenho uma dívida imensa com o senhor. Por favor, diga como posso recompensá-lo. Este anel...

Ele tirou do dedo um anel espiralado de esmeralda e o colocou na palma da mão.

– Vossa Majestade possui algo a que eu daria ainda mais valor.

– Basta dizer.

– Essa fotografia!

O rei olhou para ele com espanto.

– A fotografia de Irene! – gritou. – Claro, se o senhor quiser.

– Agradeço a Vossa Majestade. Então, o assunto está encerrado. Tenho a honra de lhe desejar um ótimo dia.

Ele se inclinou e, afastando-se sem dar atenção à mão que o rei lhe havia estendido, foi para casa em minha companhia.

E assim um grande escândalo ameaçou o reino da Boêmia, e assim os mais elaborados planos do sr. Sherlock Holmes foram batidos pela perspicácia de uma mulher. Ele costumava se divertir à custa da inteligência das mulheres, mas ultimamente abandonou esse hábito. E quando fala sobre Irene Adler, ou quando se refere à sua fotografia, ela é sempre distinguida com o honroso título de *a* mulher.

Sherlock Holmes é, indiscutivelmente, um dos personagens mais famosos de todos os tempos. Por mais de um século o detetive tem fascinado leitores do mundo inteiro com a arte de desvendar mistérios aparentemente impossíveis de resolver. Seu segredo? O método dedutivo, calcado em uma lógica irretocável.

Os 17 contos desta edição ilustrada contemplam todas as fases da carreira de Holmes – da descoberta de seus dons, nos tempos de faculdade, até a aposentadoria.

O leitor encontrará aqui a ironia, o tédio, a desilusão, a cocaína, o senso de humor, os disfarces, o dr. Watson, Mycroft, Irene Adler e, naturalmente, o professor Moriarty, o maior entre todos os inimigos, contra o qual Holmes trava a luta decisiva que inspirou o título deste volume.

Caso raro na história da literatura, o personagem Sherlock Holmes tornou-se maior que seu próprio autor. Atravessou o século xx como fenômeno pop e continua dando mostras de que tem fôlego para mais cem anos de sucesso.

Seleção e tradução de Daniel Knight

“Pensar em Sherlock Holmes é um dos bons hábitos que nos restam.”

Jorge Luis Borges